

ENTREVISTA COM JEAN-LUC NANCY¹

“MAS DEIXEMOS DE LADO O SENHOR BATAILLE!”

“BUT LET US LEAVE MR. BATAILLE!”

Madeline Chalon: *Você sugeria como título de uma eventual contribuição para esta edição de Portique “Mas deixemos de lado o Senhor Bataille!”.* Permita-me, ao inverso, perguntar-lhe qual é a sua relação com esse escritor e esse personagem tão singular.

Jean-Luc Nancy: “Deixemos de lado o Senhor Nietzsche!” é uma frase de Nietzsche que Bataille cita e cuja intenção – penso eu – ele compreende particularmente bem: não nos ocupemos do homem, do personagem. O que conta é o pensamento, o movimento de pensamento, o impulso, a pulsão que passa por ele.

É a mesma coisa quanto a Bataille. Sim, seu personagem intriga e fascina. Ele aparece como um bibliotecário discreto, mais para apagado, que escreve textos sulfurosos, ainda proibidos – para alguns – quando eu era jovem. Ele parece convidar a interrogar essa aparente contradição, seu mistério. E ainda mais quando se considera o episódio do sacrifício humano. Precisamente, porém: esse personagem é estranho porque a força do pensamento que o atravessa nada tem a fazer com “ele”. Como todo pensamento, ele vem de alhures e se encarna por acaso (sim, para concluir é um acaso) em tal ou tal corpo, em tal ou tal existência. É claro que esse pensamento afeta a existência que ele atravessa, e não nego que haja interesse em falar disso. Mas enfim é do pensamento que se trata.

Chalon: *A palavra “experiência” é muito pesadamente carregada no léxico filosófico (de Hegel a Heidegger). Bataille fala de “experiência interior”. Como compreender essa expressão?*

Nancy: Ele próprio o diz: ele substitui “mística” por “interior”. O primeiro termo evoca demasiadamente uma ascensão sublime rumo a revelações de ordem extática e a fascinações fulminan-

¹ Entrevista realizada por Madeline Chalon para um número especial sobre Georges Bataille da revista Portique. O texto original em francês ainda é inédito e, segundo informação do site da revista (<http://leportique.revues.org>, acesso em 29/06/2013), só deverá estar disponível em dezembro de 2014.

tes e suaves. Sartre qualificou Bataille de “novo místico” por uma resistência – que, aliás, se pode compreender – ao que lhe parecia arroubo irracional. E, no entanto, o próprio Sartre acabou – em “Questão de método” – por tomar-lhe emprestado o termo bataillano de “não-saber”, em um uso que não deixa de evocar uma ligação com Bataille.

Significa dizer que o próprio Sartre reconhecia uma parte – não digamos rapidamente demais “maldita” – da experiência que não é controlada por nenhuma ordem das razões. E, na verdade, nenhum grande filósofo ignora essa parte: ao contrário, tudo leva a ela em cada um deles.

Em Bataille, tudo parte dela, e tudo permanece nela, e isso porque Bataille aparece em um momento em que as construções filosóficas de “visões do mundo” estão esgotadas. Nietzsche passou por aí, isto é, a necessidade chamada de “morte de Deus” ou de “nihilismo”: a impossibilidade certa de fechar um sentido. Seria então preciso, é ainda preciso, redistribuir todas as cartas em torno da ideia de “saber” (isto é, no fundo, de “sentido”). Heidegger faz a mesma prova no mesmo momento. Bataille nota um dia que ambos se encontram atrelados à mesma tarefa – a não ser pela pose professoral de Heidegger. O que quer dizer: uma certa recusa ou uma impotência de se manter diante da “experiência”.

Quanto a essa palavra, ela designa o encontro de um fora, de uma alteridade, de um nome identificável. Em Heidegger seria “*Ereignis/ Enteignis*”; apropriação/ desapropriação (e “*Zueignis*”: maneira de (se) dedicar, votar a...). Em Bataille, “experiência” carrega tudo isso, mas com, além disso, a marca da prova efetiva, viva, insustentável.

“Subitamente, o coração de B. está dentro do meu coração” – eis o que ele escreve... Eu poderia quase dizer que esse B. (uma mulher nesse texto) deve ressoar para nós como “Bataille”. O que é um coração dentro do meu coração? Um batimento que duplica o meu e o acompanha contrariando-o, desviando-o de seu simples retorno regular numa irregularidade irreduzível?

O “interior” aqui não é em nada consciência, nem inconsciente, nem interioridade ou intimidade. É isto: o fora se abre dentro, meu “quanto a mim”, minha individualidade, minha pessoa, tudo isso se revela pelo que é, envoltórios indispensáveis de uma vida que no fundo dela mesma se mistura a todas as outras e ao resto do mundo. Esse “interior” é no fundo exatamente o de Agos-

tinho – “*interior intimo meo*” – mas sem Deus ou com, em guisa de Deus, um sexo ou um ânus, em guisa de Altíssimo um baixíssimo que não se trata sequer de magnificar, mas que é um abaixamento infinito que não se busca compensar por sublimação.

Chalon: *Georges Bataille não se situa neste longo e vasto processo de “desconstrução” da religião, em particular cristã, cuja operação você persegue? Bataille escreveu: “a verdade da linguagem é cristã”. Como você compreende esta expressão? Que curioso privilégio é este, para Bataille e para você próprio, do cristianismo?*

Nancy: Bem entendido, não se trata de outra coisa senão, ainda aí, da “morte de Deus”, que é ela própria fruto da maturação cristã. Mas Bataille não está de modo algum na representação de uma “desconstrução”: ele não busca o que poderia estar aquém e além do cristianismo. Ele não busca, simplesmente – ao passo que eu, de minha parte, permaneço demasiadamente filósofo. Ele habita o coração do cristianismo e vê esse coração se transformar em sexo, em blasfêmia, em abandono sagrado.

Em um sentido, o cristianismo de que falo é um movimento de depreciação do sagrado, que culmina em sair dele próprio e da religião. É, aliás, um cristianismo bastante marcado por sua proveniência judaica, da qual creio que Bataille não tem percepção. (Aí não vai nenhuma crítica, são perspectivas e épocas diferentes, maneiras também.) Para ele, tudo se concentra em torno do sagrado, isto é, da parte maldita (ou bendita) com aquilo que ela tem de irrecusável, de imperioso e de insustentável.

Desse modo, a religião dele resiste ou se furta a uma “desconstrução”. De outro modo, uma “desconstrução” reencontra forçosamente um resto de sagrado no meio – no coração – do que resta. Esse resto, eu chamo de “estrução”, o que é amontoado, nem construído, nem desconstruído. É um termo que conserva a neutralidade das “estruturas” em geral, mas na medida em que evoca a infirmitade, a confusão de um conjunto não conjuntado [*ensemble inassemblé*], ele deve conservar uma certa inquietude “sagrada”. É o ponto que me mantém ligado a Bataille.

Isto dito, por que você fala de um “curioso privilégio” do cristianismo? Como é que o que surgiu na fratura da Antiguidade e com o que se engendrou o “Moderno” deixaria de ser algo de privilegiado? O cristianismo pode ser esquecido, nós o estamos esque-

cendo, ele próprio está se esquecendo de si mesmo. Mas isto de onde ele tinha vindo – a saber, a (d)estru(i)ção de todo o mundo ordenado pelo sagrado (sacrifício, teocracia, culto, mistérios, mitos) –, isto nos interroga hoje sob formas inéditas.

Eu diria que Bataille reconheceu muito bem e muito cedo, no fio direto de Marx, a importância da vida subjugada à “equivalência geral”, isto é, despojada de seu valor próprio, do sentido do seu “ser”. Foi por isso que ele quis pensar a economia, a “despesa”. Mas, assim como Marx, ele não conseguiu discernir o que acontecia com a técnica de seus correlatos democráticos e hipercapitalistas. Para nós, o horror asqueroso está aí, no frenesi de uma riqueza louca e de uma multiplicação enlouquecida dos fins técnicos que substituem quaisquer outros fins.

***Chalon:** Compreendo, é claro, a importância fundamental do cristianismo em nossa tradição, mas o sentido da frase de Bataille “a verdade da linguagem é cristã”^{*} permanece para mim bastante opaco. Como você compreende essa frase de O Culpado?*

* (BATAILLE, Georges. Le coupable. In: Œuvres complètes. Paris: Gallimard, 1973, v. V: 382.)

Nancy: Você me faz ler essa frase, que eu ignorava ou havia esquecido. Seu contexto a explica assim: a linguagem “duplica o real com um mundo imaginado”; assim que nos fiamos a esse mundo, que pretendemos dispor dele pela “evocação” – no fundo, Bataille quer significar com isso qualquer nomeação ou designação de uma “resposta” (ele insistiu sobre esse motivo nas páginas anteriores) –, encontramos-nos no cristianismo, que se torna, com isso, “necessário”, “ou, senão, alguma afirmação análoga”, precisa ele, isto, qualquer espécie de representação de um sentido autônomo e consistente da existência humana. O que quer dizer que com a linguagem se impõem a busca e a obtenção de uma resposta. Ora, esta “subordina a existência humana”.*

* (Ibidem: 381.)

De fato, para Bataille, a linguagem só vale plenamente se “indicar o momento soberano em que ela não tem mais curso” (é no fim de *O Erotismo*, creio eu) e não se responder à “interrogação infinita” (mesma página). O cristianismo é para ele uma forma entre outras da resposta que se submete ao princípio de uma renúncia à soberania, a qual só pode se consumir.

Mas em outro lugar o cristianismo é também para Bataille aquilo que, pelo pecado, revela sob o selo do opróbrio a verdade sagrada, a mácula culpada por meio da qual se revelam o medo e o

riso sagrados. Ou então, de modo mais contido: a humildade em que sei que não sou nada e que devo me esquecer.

Há, assim, duas abordagens bastante diferentes, distendidas entre elas, do cristianismo. É muito distante daquilo que acredito ser uma saída do sagrado, uma passagem à santidade, a uma adoração que procederia de um esquecimento análogo ao que acabo de evocar mas por um caminho diferente. Para Bataille há destruição e afirmação (execração e fascinação) ali onde para mim há desconstrução (mas inscrita no cristianismo, tomando-o desde antes dele mesmo). Bataille termina no instante, em instantes de “acesso”, ao passo que eu me obstino a buscar apesar de tudo uma duração (um pensamento seguido, a adoração no meio da estrutura...). No entanto, sou obrigado a reconhecer a soberania do instante – de um riso, de uma agitação, de um êxtase, ou de uma estase – e como em espelho vejo Bataille ele também aferrado a buscar uma duração: a escrever, a compor ou a fingir compor uma “suma”, livros.

***Chalon:** No momento das grandes releituras de Bataille, nos anos 1970, o hegelianismo (um certo hegelianismo) era de praxe – penso aqui em particular no texto de Derrida “Um hegelianismo sem reserva” (e você mesmo é um grande leitor de Hegel – cf. Hegel, a inquietude do negativo). No entanto, Georges Bataille não era mais próximo de Nietzsche (não um comentador, mas “o mesmo que ele”)? Como você compreende essa estranha proximidade?*

Nancy: Bataille reconheceu muito bem a loucura de Hegel – excedendo para isso as lições de Kojève que marcavam seu tempo. Através do sistema do Espírito que se realiza, ele reconheceu a agitação de uma experiência que sabe que deve se romper sem se realizar porque a realização – que é sua lei – seria sua liquidação.

Nesse sentido, Nietzsche também talvez tenha sentido essa loucura de Hegel. E Kierkegaard também. O que significa dizer que toda a época da morte de Deus experimentou essa morte, muito vivamente e muito precisamente. Nesse tempo, Baudelaire escreve que “o homem é um animal adorador” e que “adorar é se sacrificar e se prostituir”. São acentos bataillanos. É a proximidade de um estremeamento sagrado ao contato do esvaecimento do sagrado. Ainda estamos aí, mas temos que ir adiante. Adorar de outra maneira.

***Chalon:** O erotismo bataillano tem alguma relação com o que você chama “o há” da relação sexual?*

Nancy: Numa primeira abordagem, não, uma vez que meu “há” está ocupado em atualizar a armadilha lacaniana do “não há”, mostrando que o que não há é a relação como concordância, como comércio e como benefício – ao passo que, em compensação, o que há é a relação enquanto conexão, partilha e passagem, remissão de um ao outro que excede toda concordância, todo comércio e todo benefício (e também toda “relação” verbal, toda resenha).

Numa primeira abordagem, portanto, parecia-me que não havia... relação – a expressão vai ficando difícil de manipular, assim sob essa forma de boneca russa – entre Bataille e esse “há”. Mas a sua pergunta me abre um horizonte em que se cruzam a ligação que houve entre Bataille e Lacan e, por outro lado, o motivo do “há relação”. Com efeito, Bataille sempre insiste na impossibilidade para os amantes de se unirem de maneira a exceder suas individualidades: pois a morte entra então em jogo. O erotismo se limita então à “comédia”, como ele diz, dizendo-o igualmente do sacrifício (e também de Hegel, e de toda espécie de “resposta” ou de “realização”). Talvez seja exatamente isto que se tornou, em Lacan, o caráter impossível e fantasmático do gozo, portanto, o “não há...”.

Mas o pensamento de Bataille sobre o erotismo é muito mais complicado (e o de Lacan também, sem dúvida: mas ele tem suas obrigações de psicanalista... não vamos falar disso aqui!). O que é comédia é também acesso a um sagrado. Acesso que se furta, mas se furta ao aceder. Penso em uma frase de *História de ratos*, ainda: “Na verdade, nós acedemos – mas logo o acesso se furta” (cito de memória). E creio que, para Bataille, há sempre algo de decisivo que se joga nessa estrutura de acesso que se furta, de passagem ao limite, de tangência entre o mundo homogêneo e a violência do heterogêneo.

Há, portanto, paródia e seu contrário – seriedade, verdade, acesso (tragédia, mas em que sentido preciso?). Há “o coito é a paródia do crime”^{*} e também o “grande coito” do homem com o céu de que fala em seguida^{*} ao acrescentar que a imagem desse coito é “o pau penetrando a fêmea e saindo dela quase inteiramente para voltar a entrar”. Há a iminência de um assassinato e a de uma comunhão com o mundo inteiro: é e não é a mesma coisa.

Portanto, sim, posso ver uma correspondência. Tentarei resumí-la falando do gozo, que não é nem impossível, nem possível – mas real, na medida em que é excessivo e excessivo na medida em

* (BATAILLE, Georges. *L'anus solaire*. In: *Ceuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1970, v. I: 81.)

* (*Ibidem*: 83.)

que é simultaneamente paródico e jubilatório, conclusivo e inicial, sagrado e santo se posso dizer...

Chalon: O intruso não é o livro em que você mesmo se situa na maior proximidade com Bataille e Blanchot, na medida em que você se engaja na escrita de uma narrativa?

Nancy: Não, não. Não é uma narrativa, é uma descrição, uma resenha. Não sou capaz de fazer uma narrativa. De resto, as de Bataille – como as de Blanchot – me parecem a parte mais fraca de sua obra: são falsas narrativas, são alegorias. Uma verdadeira narrativa é Proust ou Faulkner, é Beckett ou talvez, hoje, Coetzee. Ou seja, quando não se está na alegoria mas no mito – no sentido daquilo que fala de si mesmo e que não se faz falar para “dizer” alguma coisa.

E justamente *O intruso* toca na técnica e, por meio dela, em uma experiência que Bataille ignora. Posso imaginar o que ele teria sentido diante do transplante do coração – veja! Não foi de propósito que citei há pouco para você “O coração de B. está dentro do meu coração”, essa frase de *História de ratos* que repito para mim mesmo desde muito tempo antes da insuficiência do meu primeiro coração... Mas de fato não tenho certeza de poder imaginar.

Ouçõ Beckett, desta vez: imaginação morta, imagine.

Tradução de Marcelo Jacques de Moraes (UFRJ)